

Brasil tem problemas em conseguir dinheiro novo

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — O Wall Street Journal principal jornal financeiro dos Estados Unidos, anunciou, ontem, na primeira página, que “o Brasil está encontrando problemas” para conseguir, até outubro, os US\$ 5,2 bilhões do chamado “dinheiro novo”, previsto no acordo de reestruturação da dívida externa, alcançado recentemente. Uma fonte do comitê que coordena a renegociação brasileira reconheceu certa lentidão nas adesões, principalmente de bancos europeus, mas negou que o cronograma inicial esteja correndo algum risco e garantiu que o clima é muito positivo. Só na semana que vem, no entanto, o comitê poderá dizer quantos bancos já aderiram, aproveitando uma comissão de 0,365% que o Brasil oferecia até ontem, como prêmio, para os primeiros a tomarem essa decisão.

O artigo do *Wall Street Journal* afirma que “por causa da escassez (de adesões), alguns banqueiros já dizem que poderá ser impossível completar a reestruturação (da dívida brasileira) até o prazo previamente estabelecido de 31 de outubro, a menos que novos caminhos sejam encontrados para se alcançar o empréstimo” de US\$ 5,2 bilhões — o denominado “dinheiro novo” a ser usado para que o Brasil fique em dia com seus credores. Outro banqueiro familiarizado com a negociação brasileira também reconheceu que está havendo pequenos problemas, principalmente com bancos europeus, mas achou estranha a matéria do *Journal*, reafirmando sua previsão otimista e citando como exemplo a própria rolagem do empréstimo interino, fechada esta semana.

Rolagem — De fato, os 115 bancos que concentram 80% da dívida brasileira com instituições privadas selaram na quinta-feira a rolagem do ano passado, quando o Brasil saía da moratória para uma reconciliação com os credores.

— Nosso telex não pararam um instante durante todo o dia. Estamos sendo inundados de adesões — disse ontem à tarde um banqueiro do comitê coordenador da dívida brasileira, referindo-se aos telegramas de adesão ao pacote de renegociação que estavam sendo envi-

ados no último dia em que o Brasil aceitava premiar o rápido apoio com uma comissão extra de 0,375%. Isso significa, por exemplo, que um banco que aderiu ao pacote até ontem e entrará no bolo com US\$ 50 milhões, receberá de presente do Brasil o “estímulo” de US\$ 180 mil 750. Se o mesmo banco tiver deixado para aderir até o final de agosto, ainda ganha o presentinho de US\$ 62 mil 500 — três vezes menos. Se aderir depois, não ganha nada, além dos juros e da extra de risco, o *spread*.

Hipótese — O mesmo artigo do *Wall Street Journal* sobre as dificuldades para o Brasil conseguir dos bancos credores os US\$ 5,2 bilhões em “dinheiro novo” levanta a hipótese de que agências de bancos brasileiros no exterior sejam chamadas a também conceder empréstimos para ajudar na formação desse pacote, já que nos últimos meses algumas têm comprado títulos da dívida brasileira, no mercado secundário, aproveitando-se dos descontos oferecidos. Fontes brasileiras em Nova Iorque disseram que isso realmente poderia vir a acontecer, mas só na hipótese de faltar muito pouco para fechar o pacote dentro do prazo.

Quanto aos bancos brasileiros estarem se aproveitando do deságio para comprar dívida do Brasil em Nova Iorque, as fontes explicaram que, de fato, tem havido este ano “alguns negócios”, mas apenas dentro dos limites dos chamados acordos três e quatro da velha (1983) renegociação da dívida brasileira, ou seja, nos mercados interbancário e de linhas de crédito para exportação. Os bancos se comprometeram, naquela ocasião, a manterem abertas linhas de créditos de US\$ 14 bilhões para essas operações, geralmente de curto ou curtíssimo prazos.

Tanto algumas agências brasileiras quanto empresas multinacionais têm se beneficiado ultimamente com negócios nessa área, faturando um deságio de 20%. Ou seja, cada dólar da dívida brasileira não interbancário e no crédito para exportações está sendo comprado a 80 centavos por quem aceitar correr o risco de um dia vir a receber o total. Os bancos brasileiros e as múltis com interesse no Brasil topam esse risco, que é muito menor do que o da dívida brasileira em geral, onde o deságio, atualmente, chega a 50%.